

DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA E HABILIDADES ARGUMENTATIVAS EM CRIANÇAS NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Everson Hozano da Silva¹; Bianca Arruda Manchester de Queiroga²

¹Estudante do Curso de Fonoaudiologia- CCS – UFPE; E-mail: eversonhs@gmail.com,

²Docente/pesquisador do Depto de Fonoaudiologia- CCS – UFPE. E-mail: queiroga.bianca@gmail.com.

Sumário: O presente estudo investigou o desenvolvimento da argumentação e da narrativa em crianças de escolas públicas da Região Metropolitana do Recife. **Metodologia:** Para tal, foram utilizados um texto e perguntas que incentivou a criança refletir e argumentar, como também narrar uma história. **Resultados:** Em relação à narração, a maioria dos alunos do 1º ano se encontra na Categoria I, porém foi o único grupo que apresentou produções na categoria VI. As categorias narrativas vão de I a VI, quanto maior o número, melhor o desempenho. Em relação à argumentação oral, foi possível identificar certa evolução com o aumento da escolaridade. **Conclusão:** Surgiram diferenças significativas entre os grupos no teste de vocabulário, mas não entre as tarefas de argumentação e narração, em que as crianças do 1º, 2º e 3º ano apresentaram desempenho semelhante e, também aquém do esperado pela literatura.

Palavras-chave: argumentação; desenvolvimento da linguagem; educação; narração

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, há um compromisso com o aprimoramento das legislações educacionais, de modo a priorizar e fundamentar a Educação Básica, como, por exemplo, as Diretrizes Curriculares Nacionais, em sua resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010, do Conselho Nacional de Educação, fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos (BRASIL, 2012). O novo programa do Ministério da Educação denominado Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) pretende assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade. Neste pacto são descritos direitos de aprendizagem gerais, que permeiam toda a ação pedagógica, elencando conhecimentos e capacidades específicas organizados por eixo de ensino da Língua Portuguesa: Leitura, Produção de textos Escritos, **Oralidade**, Análise Linguística. O alargamento das práticas de oralidade significa o direito de apreensão de um instrumento necessário não só para a vida escolar, mas também para a vida em sociedade. Nesta perspectiva, Bortoni-Ricardo (2004, p. 74) ressalta que cabe à escola “facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas”. Para Bruner (1997), a narrativa é uma das formas mais poderosas de discurso na comunicação humana e “que as proposições lógicas são mais facilmente compreendidas pela criança quando embutidas em uma história em andamento” (p.73). A oralidade, a leitura e a escrita são atividades que se relacionam e se complementam, sabendo que o primeiro contato da criança com o texto se dá de forma oral, independentemente de estar ou não vinculada ao livro didático ou paradidático (RADINO, 2001). Por meio dessa prática, as crianças passam a serem sujeitos capazes de expor, argumentar, explicar, narrar, além de escutar atentamente e opinar, respeitando a vez e o momento de falar. Todo contato que a criança estabelece com o mundo é sempre mediado pela linguagem (VYGOTSKY, 1985). Assim, o presente estudo investigou o desenvolvimento da argumentação e da narrativa, habilidades que fazem parte do desenvolvimento da oralidade, em crianças inseridas no Primeiro Ciclo de Alfabetização

na cidade do Recife, a fim de ver se essas habilidades estão consolidadas, bem como se os professores estão preparados para promover o desenvolvimento da oralidade e para identificar precocemente os problemas que afetam esse desenvolvimento.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi realizado em uma escola pública da Região Metropolitana do Recife. Esse estudo conta com 90 estudantes da escola pública municipal, matriculados nas etapas/anos do ciclo de alfabetização, entre 6 anos e 8 anos e 11 meses, sendo 30 do 1º ano, 30 do segundo e 30 do terceiro. Foram incluídos no estudo alunos matriculados e frequentadores das séries do ciclo, bem como seus respectivos professores alfabetizadores.

Foram excluídos deste estudo alunos com necessidades educacionais especiais, transtornos neurológicos, psiquiátricos ou quaisquer outras limitações sensoriais que comprometessem os resultados do estudo. A pesquisa foi conduzida no período entre agosto e outubro de 2014. Trata-se de uma pesquisa transversal e analítica, de abordagem quantitativa. As variáveis do estudo foram: idade, sexo, escolaridade, tarefa de narração de relato de experiência e tarefa de argumentação.

Após a assinatura do TCLE pelos responsáveis dos alunos, um tema ou situação-chave foi apresentado ao aluno, de forma a possibilitar sua discussão, argumentação e contra-argumentação que foi mediado pela pesquisadora. Esta etapa da pesquisa foi gravada em áudio para posterior transcrição e análise. Foi utilizado um texto – conto – no qual o aluno ouviu a história e foi estimulado a fazer uma análise de forma crítica e argumentativa.

As avaliações foram transcritas na íntegra, no mesmo dia em que foram realizadas. As avaliações da narração de relato de experiência e argumentação oral seguiram o modelo proposto por Marcuschi (1986).

Em relação à análise das avaliações de argumentação, após transcritos, os textos orais foram avaliados em relação ao entendimento da criança da situação apresentada no texto, se respondeu às perguntas relacionadas ao texto de forma coerente, e ainda se analisou e/ou argumentou de forma crítica, baseado em Leitão (2001).

Foi aplicado um roteiro de perguntas ao professor sobre sua formação e sobre o conhecimento dele em identificar as habilidades de argumentação e narração nos alunos. Os dados foram tratados estatisticamente e distribuídos em gráficos e/ou tabelas. A análise estatística foi realizada através do programa SPSS 22.0 (Statistical Package for the Social Science) atribuindo-se o nível de significância de 5% ($p < 0,05$) para todos os testes utilizados. Foi realizada a análise descritiva dos dados objetivando entender as características relacionadas às variáveis do estudo; o teste de correlação de Spearman a fim de analisar a relação entre as variáveis e o teste Teste de Kruskal- Wallis para analisar a variância entre as médias encontradas.

RESULTADOS

Os alunos participantes deste estudo se encontravam dentro da faixa etária esperada para cada série do ciclo de alfabetização. Dos 90 alunos pesquisados, 53,3% (N= 48) eram meninos e 46,7% (N=42) eram meninas.

Na tabela 1, apresentam-se a frequência em relação às tarefas de narração e argumentação oral. As categorias narrativas vão de I a VI, quanto maior o número, melhor o desempenho. Em relação à narração, a maioria dos alunos do 1º ano se encontra na Categoria I, porém foi o único grupo que apresentou produções na categoria VI.

Ainda na tabela 1, é possível observar o desempenho das crianças na tarefa de argumentação. As categorias argumentativas vão de 1 a 3 e quanto maior o número melhor

o desempenho. Os resultados apontam que os alunos do 1º e 2º ano se concentraram na categoria II e os dos 3º ano, na categoria III.

Em relação à argumentação oral, foi possível identificar certa evolução com o aumento da escolaridade. Os alunos do primeiro ano se enquadram na categoria I (não sabe responder ou não respondeu), porém nas séries seguintes, nenhum aluno se enquadrou nesta categoria, aumentando de 40% para 60% o número de crianças na categoria III, da segunda para a terceira série, respectivamente.

Tabela 1- Percentual de escolares nas categorias de respostas das tarefas de argumentação oral e narração, segundo série.

	Narração						Argumentação			Legenda: Na tarefa de Narração, categorias de I – VI de Rego ¹² , citadas em Silva ¹³ . Na tarefa de
	I	II	III	IV	V	VI	I	II	III	
1º ano	40%	30%	20%	3,33%		6,66%	10%	50%	40%	
2º ano	33,33%	50%	16,67%					60%	40%	
3º ano	20%	50%	16,67%	10%	3,33%			40%	60%	

Argumentação, categorias adotadas pelas autoras como descrito no método do estudo.

Na tabela 2, estão apresentados os dados relacionados às respostas dadas pelos professores, referentes às habilidades orais dos educandos. O nível de significância mostra um aumento no escore entre as séries, na pergunta de número 4 e de número 6: *Analisa os textos orais de forma crítica? E Produz textos orais de diferentes gêneros?* E um decréscimo significativo entre as séries nas perguntas P5: *Conta histórias pessoais ou relatos de experiências?*. Nesse caso, os alunos do 1ºano foram os melhores pontuados.

Tabela 2- Comparação das médias e desvios padrão (entre parênteses) das respostas dos professores na ficha de avaliação das habilidades orais dos educandos.

	1º ano	2º ano	3º ano	Significância
P1	1,40 (0,62)	1,23 (0,56)	1,33 (0,71)	0,596
P2	1,37 (0,71)	1,37 (0,61)	1,33 (0,71)	0,976
P3	1,30 (0,75)	1,40 (0,62)	1,27 (0,69)	0,739
P4	0,47 (0,50)	1,40 (0,62)	1,23 (0,67)	0,000
P5	1,63 (0,66)	1,13 (0,62)	1,20 (0,71)	0,010
P6	0,47 (0,50)	1,30 (0,65)	0,97 (0,49)	0,000
P7	1,23 (0,72)	1,23 (0,56)	1,33 (0,71)	0,802
OS	7,66 (3,33)	9,07 (3,49)	8,67 (4,45)	0,344

Legenda: P1 – P7: perguntas 1 A 7 conforme descrito na tabela 2. PS: somatório das perguntas

(Teste de Kruskal- Wallis One Way - ANOVA, com nível de significância em 5%)

DISCUSSÃO

Em relação à narração do relato de experiência e argumentação oral, não houve diferenças significativas entre as produções do 1º, 2º e 3º ano, o que pode identificar metas parcialmente atingidas, já que para alguns autores (REGO, 1986) deveria acontecer a consolidação dessas competências no terceiro ano, portanto, deveriam apresentar desempenho superior aos anos anteriores. Assim sendo, apesar da tentativa de finalizar o ciclo de alfabetização com habilidades em fase de completude, ainda há muito no que se investir. Embora se verifique a necessidade de maior estímulo e abordagens significativas de ensino-aprendizagem, é visível uma pequena evolução entre as séries.

Em relação à argumentação oral, foi possível identificar certa evolução com o aumento da escolaridade. Os alunos do primeiro ano se enquadram na categoria I (não sabe

responder ou não respondeu), porém nas séries seguintes, nenhum aluno se enquadrava nesta categoria, aumentando de 40% para 60% o número de crianças na categoria III, da segunda para a terceira série, respectivamente. Esse desenvolvimento da argumentação oral, pode ser comparado com um estudo de Siqueira de 2012. Nesse estudo, percebeu-se que os alunos faziam uso significativo de operadores argumentativos, de variadas estratégias argumentativas, além da notória habilidade de alunos do Ensino Fundamental apresentarem a sua capacidade argumentativa.

Todos os professores da pesquisa fizeram parte das formações continuadas para fomentação do PNAIC no município estudado, o que pode indicar uma significativa compreensão em relação às habilidades orais dos alunos, pois foram abordadas nos cadernos de formação do PNAIC.

CONCLUSÕES

O desenvolvimento da oralidade é apresentado por meio de avaliação das habilidades. Surgiram diferenças significativas entre os grupos no teste de vocabulário, mas não entre as tarefas de argumentação e narração, em que as crianças do 1º, 2º e 3º ano apresentaram desempenho semelhante e, também aquém do esperado pela literatura.

A escola precisa estar preparada para estimular as habilidades linguísticas dos alunos e fornecer um ambiente propício em sala de aula para troca de experiências por meio da linguagem oral.

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui meu agradecimento ao CNPq, à PROPESQ- UFPE, à minha orientadora, Dra. Bianca Queiroga, à Daniele Veras e todos os demais que contribuíram para esse trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: caderno de avaliação. Ministério da Educação, 72 Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. - Brasília: MEC, SEB, 2012.

BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRUNER, J. Atos de significação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RADINO G. Oralidade, um estado de escritura. Psicologia em Estudo. 2001; 6 (2): 73-79.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

RÊGO, L. L. B. A escrita de histórias por crianças: as implicações pedagógicas do uso de um registro linguístico. Rev de Doc de Est em Linguística Teórica e Aplicada. 1986 2(2)165-180